

SAÚDE MENTAL DO SUJEITO LGBTQIAPN+: em razão da não aceitabilidade familiar

Isabelly Cristinne Ferreira Neto¹
Tainara Barros Leite²
Carine Muller Paes de Barros³

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo realizar um levantamento de artigos científicos que discorrem sobre a saúde mental da população LGBTQIAPN+, correlacionando-a com a aceitabilidade ou não deste sujeito pela família. Para tanto, utilizaremos a pesquisa bibliográfica qualitativa exploratória. Foram selecionados 12 (doze) artigos, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão. Os artigos foram analisados por meio da técnica metodológica da Análise de Conteúdo de Bardin (1979), sendo definidas quatro categorias temáticas: rede de apoio à saúde, conflitos familiares, violência aos direitos e saúde mental. Com isso, observou-se os seguintes resultados: a demanda de melhores condições de políticas públicas voltadas ao atendimento desta população; maior debate acerca do assunto e uma ampliação da rede de apoio às pessoas LGBTQIAPN+ que não foram aceitas ou que sofrem agressões dentro de casa, compreendendo que estes fatores estão relacionados ao adoecimento mental e até mesmo suicídio.

Palavras-chave: LGBTQIAPN+; Aceitabilidade familiar; Saúde mental.

ABSTRACT

This paper aims to survey scientific articles that discuss the mental health of the LGBTQIAPN+ population, correlating it to the acceptability or not of this subject by the family. To do so, we will use a qualitative exploratory bibliographic research. Twelve (12) articles were selected, according to the inclusion and exclusion criteria. The articles were analyzed using the methodological technique of Content Analysis of Bardin (1979), being defined four thematic categories: health support network, family conflicts, violence to rights and mental health. With this, the following results were observed: the demand for better conditions of public policies aimed at the care of this population; greater debate about the subject and an expansion of the support network for LGBTQIAPN+ people who were not accepted or who

¹ Graduanda em Psicologia no Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG.

² Graduanda em Psicologia no Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG.

³ Professora Mestra de Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG.

suffer aggression within the home, understanding that these factors are related to mental illness and even suicide.

Keywords: LGBTQIAPN+, family acceptance, mental health.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata-se do trabalho de conclusão de curso de Psicologia que pretende analisar pesquisas já publicadas acerca do tema saúde mental da população LGBTQIAPN+, que abrange os grupos assim representados: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais ou Transgêneros, Queers, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais, analisando o critério de aceitabilidade familiar na condição de saúde mental do sujeito.

A relevância deste tema evidencia o problema enfrentado pelas pessoas LGBTQIAPN+ por conta da não aceitabilidade familiar. A orientação sexual do indivíduo não é algo que pode ser controlado pelo seu núcleo familiar. Quando o filho ou a filha causa uma decepção, isso pode gerar uma frustração para os pais, os quais "veem desaparecer todas as esperanças que tinham alimentado cuidadosamente: têm um filho que se revela cada vez mais diferente do que tinham projetado e que nada tem a ver com a idealização esperada" (CHARBONNEAU, 1973, p.21). Consequentemente, os planos são desfeitos e surge o medo do julgamento social. Os pais e as mães procuram a quem culpar, e ainda há aqueles que acreditam ser apenas uma fase passageira.

O fato de os pais se posicionarem sobre a orientação sexual de seus filhos pode ter efeitos na saúde mental desses sujeitos, principalmente se esse posicionamento está pautado em preconceitos, discriminação e violência. Nesse sentido, é importante que os pais reconheçam que a orientação sexual não é uma escolha, mas uma característica intrínseca da pessoa, e que essa característica deve ser respeitada e acolhida como parte da diversidade humana.

Sendo assim, a sexualidade, como aponta Charbonneau (1973), é algo que está inserido em um contexto social e histórico, atravessado por relações de poder, que pode ser modulado, resistido e transformado pelos indivíduos e grupos sociais. É importante que os pais reconheçam seu papel nesse contexto e atuem de forma a promover a diversidade e o respeito às diferenças.

De acordo com Charbonneau (1973), a frustração ou decepção são sentimentos normais, tudo aquilo que se espera e não acontece, é de natureza o ser humano decepcionar-se, o que não pode é machucar o outro por ser frustrado. Espera-se que pais tenham uma compreensão e aceitação em relação às decisões e comportamentos dos filhos. Contudo, não é o que acontece em todos os casos, e naqueles nos quais a rejeição de pais por conta da orientação sexual dos filhos, a não aceitabilidade pode gerar sofrimento psicológico no sujeito.

O preconceito contra a população LGBTQIAPN+ é um conjunto de negatividade que afeta o indivíduo pela discriminação, falta de respeito e desconforto, e, vindo do meio familiar, isso pode gerar muito mais sofrimento.

Esta investigação estuda sobre esse tema na atualidade, pois trata-se de um assunto que para algumas pessoas tem uma resolução rápida e para outras não. Partimos da seguinte pergunta: como a aceitabilidade ou não da família, quando o sujeito se reconhece LGBTQIAPN+, pode gerar impactos na saúde mental? Para responder a esta pergunta e atingir o objetivo proposto, utilizaremos de materiais já publicados para compreender o que os estudos revelam acerca do assunto. Nessa direção, a pesquisa problematiza as possíveis causas e efeitos de um padrão de comportamento ou características pessoais, comparando casos onde a rede de apoio está presente, ausente ou em menor grau na vida do indivíduo LGBTQIAPN+.

SAÚDE MENTAL DENTRO DO CONTEXTO LGBTQIAPN+

Judith Butler (1990), argumenta que a identidade de gênero não é uma característica natural e inerente às pessoas, mas sim algo que é socialmente construído através de normas e expectativas de gênero estabelecidas pela sociedade. Ela chama isso de "performatividade de gênero", ou seja, a ideia de que o gênero é uma performance, uma atuação que as pessoas realizam de acordo com as normas de gênero estabelecidas socialmente.

A performatividade de gênero é um conceito teórico desenvolvido pela filósofa em seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (1990). Segundo a autora, gênero não é algo inato ou natural, mas sim uma construção social e cultural que é repetida e reforçada por meio das práticas corporais, das expressões faciais, da linguagem e das vestimentas.

Assim, a performatividade de gênero se refere à ideia de que o gênero não é algo que as pessoas "são", mas sim algo que elas "fazem", ou seja, é uma performance. Essa performance é aprendida e internalizada desde muito cedo, por meio da socialização e da imitação de modelos de gênero que são apresentados pela cultura e pela sociedade. Para Butler (1990), a performatividade de gênero não é apenas uma questão de escolha ou de liberdade individual, mas sim uma forma de controle social, que restringe as possibilidades de expressão e de identificação das pessoas. Ela também critica a ideia de que existem apenas dois gêneros (masculino e feminino), afirmando que o gênero é uma constante negociação e transformação, que pode incluir múltiplas identidades e variações.

Portanto, a performatividade de gênero de Butler (1990) implica na concepção de que o gênero é uma construção social e cultural, que é repetida e reforçada por meio das práticas cotidianas, mas que pode ser questionada e transformada por meio da subversão e da resistência às normas de gênero impostas pela sociedade.

Essa crítica à identidade de gênero é especialmente relevante para as pessoas LGBTQ+⁴, que muitas vezes enfrentam discriminação e violência por não se encaixarem nas normas de gênero estabelecidas. Butler (1990) argumenta que essa pressão social para se conformar ao gênero binário e heteronormativo pode ter efeitos negativos na saúde mental das pessoas LGBTQ+. Ela também destaca a importância da solidariedade entre as comunidades LGBTQ+ e a necessidade de se resistir às normas de gênero e às formas de opressão que elas perpetuam.

A comunidade LGBTQIAPN+ enfrenta várias questões relacionadas à sua saúde mental. A discriminação, o preconceito, o estigma e a exclusão social podem levar a consequências negativas para a saúde mental dos indivíduos LGBTQIAPN+. Além disso, muitos indivíduos precisam enfrentar o estresse psicológico relacionado a questões de identidade de gênero e orientação sexual (FRANCISCO *et al.*, 2020). Em resumo, é fundamental entender que a performatividade de gênero é uma construção social e cultural que afeta a saúde mental das pessoas desse nicho. A promoção de espaços seguros e acolhedores, além de profissionais de saúde mental comprometidos com a diversidade e a inclusão, são importantes para garantir a saúde mental desses indivíduos.

É importante que a comunidade LGBTQIAPN+ tenha acesso a profissionais de saúde mental que estejam treinados para lidar com questões específicas

⁴ A autora fala da sigla LGBTQ+, porém aqui abordaremos a sigla atual LGBTQIAPN+.

relacionadas à identidade de gênero e orientação sexual. Isso pode incluir terapeutas, psicólogos e outros profissionais que entendam as nuances das questões de saúde mental enfrentadas pela comunidade LGBTQIAPN+.

Conceito de sexualidade

Foucault (1984) relata que o sexo tem se tornado nas práticas discursivas e não discursivas um segredo universal. Trata-se de fabricar outras formas de prazer, de relações, de coexistências, de laços de amores. Em relação às crianças, começa a se esboçar um discurso em que a vida da criança consiste basicamente em sexualidade. Por isso, questiona se tal discurso é libertador, se não aprisiona as crianças em um tipo de insalubridade sexual, se a liberdade de não ser adulto consiste justamente em não estar dependente de uma lei ou princípio, tão entediante da sexualidade, e se não seriam as relações polimorfos (ou seja, as relações sem padrões de comportamento) a própria infância, caso isso fosse possível. Mas, considera que o polimorfismo, ao contrário, é visto pelos adultos (por questão de segurança) como perversidade. Desta forma, a criança passa a ser oprimida inclusive por aqueles que pretendem libertá-la e, assim, essa criança vai se tornando um adulto cheio de repressões.

Para Butler (1990), o gênero refere-se às normas sociais, crenças e comportamentos que definem o que é ser homem ou mulher em uma determinada sociedade. Esse conceito é influenciado pelo ambiente em que a pessoa vive, mas também pode ser moldado por fatores biológicos, como hormônios e cromossomos. Já a sexualidade é um aspecto fundamental da vida da pessoa, relacionado às suas atrações sexuais, à intimidade emocional e ao prazer físico. A sexualidade também pode ser moldada por normas sociais, culturais e religiosas, mas a compreensão de sua diversidade é fundamental para a promoção da igualdade e da justiça.

A vontade de saber, primeiro volume de sua *História da sexualidade*, de Foucault (1988), é considerado um estudo pioneiro na perspectiva do sexo e da sexualidade enquanto alvos e efeitos dos mecanismos de poder. A sexualidade não é aquilo que o poder tem medo, mas aquilo que se usa para seu exercício. Ao tentar produzir a sexualidade de determinada maneira, acarretam efeitos repressivos nos indivíduos e, segundo Foucault (1988), para ser feliz temos que liberar a

sexualidade.

Nessa mesma obra Foucault analisa a forma como a sociedade vigia e controla a sexualidade e a identidade de gênero através de instituições como a família, a religião e a medicina. A sexualidade reprimida na sociedade é uma realidade que acontece porque, muitas vezes, a sexualidade é vivida de maneira reprimida e limitada pelos preconceitos, pela heteronormatividade e pelo patriarcado que estruturam as sociedades ocidentais.

Butler (1990) apresenta sua teoria acerca da construção social do gênero, criticando o binarismo de gênero, assim questionando as noções tradicionais de homem e mulher. Essa desconstrução das normas de gênero implica nesse questionamento dos estereótipos associados a cada gênero, como a ideia de que homens devem ser fortes e agressivos, enquanto mulheres devem ser sensíveis e passivas. Isso pode ser feito através da educação para a igualdade de gênero, que promove o respeito e a valorização das diferenças individuais e a desconstrução dos estereótipos de gênero.

A autora argumenta que a ideia de que existem apenas dois gêneros biologicamente determinados é uma construção social e que a identidade de gênero é uma performance, que pode ser subvertida. Ela afirma que as pessoas não nascem como homens ou mulheres, mas sim se tornam homens ou mulheres através de normas culturais e sociais que regem como devem se comportar, vestir e falar de acordo com seu gênero. Ela defende a importância de se questionar as normas sociais e de se permitir a subversão de gênero, estimulando a diversidade e a liberdade de expressão.

Assim, a imposição de normas de gênero limita os indivíduos em sua capacidade de se expressarem como desejam e de desenvolverem sua identidade de forma autêntica e livre de julgamentos. A luta contra a opressão do patriarcado, para Butler (1990), passa pela desconstrução dessas normas e pela promoção do reconhecimento e respeito à diversidade de identidades de gênero.

Ambos os autores contribuem para uma análise crítica das normas que regem a sexualidade e o gênero em nossa sociedade, destacando a importância de se desconstruir os valores e preconceitos que limitam a liberdade individual e coletiva. Suas obras incentivam a reflexão sobre a complexidade e diversidade das experiências humanas, reforçando a importância de se respeitar e valorizar a pluralidade de formas de ser e sentir.

Conceito de família

A família atual regida por pai, mãe e filhos é uma recente configuração familiar estabelecida por uma sociedade patriarcal heteronormativa, cujos papéis e as divisões de masculino e feminino imposto numa constituição familiar sanguínea é rígida e foi pré-estabelecida na Inglaterra (GOMES; OLIVEIRA; RODRIGUEZ, 2017). Como atualmente as concepções de família vêm sendo modificadas, cabe a todos nós refletir sobre o conceito de família na atualidade. Podemos entender como família o apoio emocional e proteção para com os indivíduos de um mesmo local, independente de sexo, gênero e ligações consanguíneas (ALMEIDA, 2012; ARÁN, 2003 apud GOMES; OLIVEIRA; RODRIGUEZ, 2017). Para Rios (2012) numa citação de Gomes, Oliveira e Rodriguez (2017), podemos pensar a família como um espaço relacional de autonomia pessoal.

Este estudo visa inferir a família citada aqui como uma organização de construção para cuidado e proteção de inserção cultural, fugindo assim, do conceito pré-estabelecido sobre família patriarcal. Uma família que funciona de maneira desrespeitosa, não acolhendo as escolhas e desejos de outros membros desse núcleo familiar, pode contribuir para o desenvolvimento de problemas na saúde mental do indivíduo que não está sendo respeitado.

A violência intrafamiliar é toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família. Pode ser cometida dentro ou fora de casa por algum membro da família, incluindo pessoas que passam a assumir função parental, ainda que sem laços de consanguinidade, e em relação de poder à outra. A não aceitabilidade da sexualidade de um sujeito LGBTQIAPN+ e o preconceito podem gerar um adoecimento psíquico desse indivíduo.

METODOLOGIA

Nesta pesquisa, utilizaremos o tipo de pesquisa bibliográfica qualitativa exploratória. De acordo com Minayo (2014), a pesquisa bibliográfica qualitativa exploratória é uma modalidade de pesquisa que busca investigar um tema específico por meio de uma análise de fontes bibliográficas. O objetivo dessa

modalidade de pesquisa é explorar o objeto de estudo de maneira aprofundada, identificando conceitos, teorias e suposições que possam subsidiar futuras pesquisas.

A autora ressalta que a pesquisa bibliográfica qualitativa exploratória pode ser uma importante etapa para a produção científica, especialmente em áreas que ainda não têm uma base teórica suficientemente desenvolvida. Além disso, a análise de fontes bibliográficas pode ser uma maneira eficiente de identificar lacunas e limitações existentes no conhecimento científico, subsidiando futuras pesquisas em busca de respostas mais completas e precisas. Desse modo, investigaremos, por meio de artigos publicados, como a relação familiar afeta a saúde mental do sujeito LGBTQIAP+.

De acordo com Minayo (2014), a pesquisa bibliográfica qualitativa exploratória apresenta algumas características principais, tais como: utilização de fontes bibliográficas como principal fonte de dados; análise profunda e sistemática das fontes com o objetivo de identificar as informações relevantes; abordagem qualitativa, ou seja, sem quantificação numérica dos resultados; exploração do tema de modo aprofundado com vistas a compreender os principais conceitos, teorias, suposições e outras questões relevantes para a área de estudo.

Para realizar uma pesquisa bibliográfica, de acordo com Gil (2002), é necessário seguir algumas etapas: a) definição do objetivo da pesquisa, antes de iniciar a busca por fontes bibliográficas, ou seja, qual é a pergunta que se pretende responder ou o problema que se deseja investigar; b) identificação das palavras-chave, a partir do objetivo da pesquisa, relacionadas ao tema. Essas palavras serão utilizadas na busca por fontes bibliográficas em bases de dados e catálogos de bibliotecas; c) seleção das fontes bibliográficas: após a identificação das palavras-chave, é necessário buscar fontes bibliográficas que abordam o tema de interesse, podem ser consultados livros, artigos de periódicos, teses e dissertações, e outras fontes relevantes; d) análise crítica das fontes bibliográficas: uma vez selecionadas as fontes, é importante realizar uma análise crítica do conteúdo para identificar informações relevantes e contribuições para a pesquisa em questão; e) Organização da citação bibliográfica: ao fazer uso de qualquer fonte bibliográfica em seu trabalho, é fundamental organizar a citação de acordo com as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) ou do estilo de referência adotado pelo autor; f) registro da pesquisa bibliográfica: por fim, é

importante registrar todas as fontes bibliográficas consultadas ao longo da pesquisa, a fim de garantir a credibilidade e transparência do trabalho, bem como facilitar futuras pesquisas sobre o mesmo tema (GIL, 2002).

Para analisar os artigos levantados e a forma que as temáticas são abordadas, utilizaremos a análise de conteúdo, proposta por Bardin (1979), que consiste no processo de aplicação de técnicas estatísticas e lógicas para avaliar informações obtidas a partir de determinados processos.

A análise de conteúdo é uma técnica amplamente utilizada em diversas áreas. Essa técnica pode ser utilizada para analisar diferentes tipos de dados textuais, como transcrições de entrevistas, discursos políticos, publicidades, entre outros. Esse tipo de análise permite uma compreensão mais aprofundada do conteúdo textual, identificando padrões e temas que podem ser relevantes para pesquisas científicas ou para a tomada de decisões em organizações. A análise de conteúdo é uma técnica sistemática que envolve três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

Levantamento de artigos acerca do assunto

Para a construção dos dados da pesquisa, foram levantados artigos publicados entre 2018 e 2022 na base *Scielo* (Brasil Scientific Electronic Library Online) sobre a sexualidade e a saúde mental dos sujeitos LGBTQIAPN+. As palavras chaves utilizadas na pesquisa foram: LGBTQIAPN+, Gays, LGBT, Lésbicas, Bissexuais, LGBT+Saúde, Travestis, Família + Gay, Sexualidade, Transexual, LGBT+ Saúde mental. Os critérios de inclusão foram selecionar os artigos que falam de família e a relação com saúde mental da população LGBTQIAPN+.

Artigos encontrados

Foram encontrados 793 artigos com as palavras-chave descritas, conforme quadro abaixo.

Tabela 1 – Palavras-chaves e número de artigos encontrados

| Palavras-chave | Artigos encontrados |
|----------------|---------------------|
|----------------|---------------------|

| | |
|---------------------|-----|
| LGBTQIAPN+ | 0 |
| Gays | 53 |
| Lésbica | 56 |
| LGBT | 99 |
| Travestis | 95 |
| Bissexuais | 35 |
| Sexualidade | 412 |
| Transexual | 31 |
| Família + Gay | 7 |
| LGBT + Saúde Mental | 5 |

Fonte: Autoria própria.

Após leitura dos títulos e resumos, foram selecionados 12 artigos para análise integral, conforme tabela abaixo, que se enquadram nos critérios de inclusão e exclusão.

Tabela 2 – Artigos selecionados pelos critérios de inclusão e exclusão

| Nº do Artigo | Nome do artigo | Revista de publicação | Ano de publicação |
|--------------|---|----------------------------------|-------------------|
| 1 | Estratégias Metodológicas de Investigação da Resiliência em Lésbicas, Gays e Bissexuais (LGBs): Revisão Integrativa de Literatura | Trends in Psychology | 2018 |
| 2 | A Revelação da Homossexualidade na Família: Revisão Integrativa da Literatura Científica | Trends in Psychology | 2018 |
| 3 | Apoio Social, Resiliência, Estresse de Minorias e Saúde Mental de Mulheres Lésbicas e Bissexuais | Psico-USF | 2020 |
| 4 | Desafios da saúde da população LGBTI+ no Brasil: uma análise do cenário por triangulação de métodos | Ciência & Saúde Coletiva | 2022 |
| 5 | Ansiedade em minorias sexuais e de gênero: uma revisão integrativa | Jornal Brasileiro de Psiquiatria | 2020 |
| 6 | [ARTIGO PARCIALMENTE RETRATADO] Centro de Cidadania LGBT: Memórias e Experiências no Campo das | Psicologia: Ciência e | 2019 |

| | | | |
|----|---|--------------------------|------|
| | Práticas Psi em Prol da Defesa dos Direitos Humanos | Profissão | |
| 7 | Vulnerabilidades das travestis e das mulheres trans no contexto pandêmico | Revista Katálysis | 2022 |
| 8 | Redes sociais de apoio às pessoas trans: ampliando a produção de cuidado | Saúde em Debate | 2022 |
| 9 | Fatores associados à ideação suicida entre travestis e transexuais assistidas por organizações não governamentais | Ciência & Saúde Coletiva | 2021 |
| 10 | Sentidos atribuídos por jovens escolares LGBT à afetividade e à vivência da sexualidade | Saúde e Sociedade | 2021 |
| 11 | SUICÍDIO E MASCULINIDADES: UMA ANÁLISE POR MEIO DO GÊNERO E DAS SEXUALIDADES | Psicologia em Estudo | 2020 |
| 12 | Diversidade sexual: uma leitura do impacto do estigma e discriminação na adolescência | Ciência & Saúde Coletiva | 2021 |

Fonte: Autoria própria.

Análise dos dados encontrados

A partir da análise dos dados apresentados nos artigos encontrados neste trabalho, conforme a análise de conteúdo de Bardin (1979), foi realizada a construção das seguintes categorias temáticas: Categoria 1 - Rede de apoio à saúde; Categoria 2 - Conflitos familiares; Categoria 3 - Violência aos direitos e Categoria 4 - Saúde mental.

a) Categoria 1 – Rede de apoio à saúde

Lira *et al.* (2018) e Francisco *et al.* (2020), discutem a importância da rede de apoio, saúde e acolhimento para a resiliência em indivíduos LGBTQIAPN+. A rede de apoio é fundamental para ajudar os indivíduos a enfrentar o estigma, a discriminação e a violência que muitas vezes enfrentam. Essa rede pode incluir membros da família, amigos, parceiros, colegas e profissionais de saúde.

A saúde também é um fator importante na resiliência desses indivíduos. A falta de acesso à saúde de qualidade pode aumentar o risco de doenças físicas e mentais. Além disso, a discriminação e o preconceito por parte de profissionais de saúde podem criar barreiras ao acesso aos serviços de saúde.

Francisco *et al.* (2020), afirmam que o acolhimento é outro fator importante na resiliência dessa comunidade. O acolhimento pode incluir a aceitação de amigos e

familiares, bem como o ambiente social e institucional em que se encontram. Um ambiente favorável e respeitoso pode aumentar a resiliência e a capacidade de enfrentamento desses indivíduos. Os autores destacam que pessoas LGBTQIAPN+ enfrentam desafios únicos em sua vida cotidiana, incluindo estigma social, discriminação e violência verbal e física. Esses fatores podem levar a altos níveis de estresse e ansiedade, especialmente para aqueles que enfrentam múltiplas formas de opressão devido a outros fatores, como raça ou identidade de gênero. Como resultado, uma rede de acolhimento que oferece apoio emocional, informações úteis e orientação é fundamental para pessoas inseridas nessa comunidade, que sofrem com ansiedade.

Francisco *et al.* (2020), Guilhon *et al.* (2019) e Veroneze (2022) também discutem a importância de os profissionais de saúde mental serem sensíveis às questões que afetam minorias sexuais e de gênero e serem capazes de fornecer tratamento adequado e individualizado. Os artigos abordam a questão das minorias sexuais e de gênero, explorando as dificuldades enfrentadas por indivíduos que se identificam como lésbicas, gays ou bissexuais. Os três estudos também mencionam a importância de oferecer suporte e acolhimento a essas populações, destacando a necessidade de intervenções eficazes para reduzir a ansiedade e fomentar a resiliência.

Guilhon *et al.* (2019) discorrem sobre a importância do Centro de Cidadania LGBTQIAPN+ como uma rede de acolhimento para pessoas que participam dessa comunidade e que sofrem violência e discriminação, além de discutir os desafios que a rede enfrenta no campo das práticas psi em prol da defesa dos direitos humanos.

Veroneze (2022), por sua vez, comenta da ausência de redes de acolhimento para travestis e mulheres trans durante a pandemia da COVID-19. A autora destaca que essas pessoas já enfrentam muitas dificuldades em relação ao acesso à moradia, saúde e educação, e que a crise sanitária tem agravado essas vulnerabilidades.

No que se refere à rede de acolhimento, as autoras pontuam que muitas vezes essas pessoas ficam sem ter onde morar, em situações de desabrigo e que, mesmo em abrigos e casas de acolhimento, sofrem com a discriminação, violência e exclusão. A autora Veroneze (2022) não menciona explicitamente como essas pessoas sobrevivem nestes casos, mas destacam a necessidade urgente de

criar redes de acolhimento seguras e inclusivas para travestis e mulheres trans. Além disso, apontam para a importância de políticas públicas que garantam acesso à moradia, saúde e educação para essa população historicamente marginalizada e vulnerável.

Observando os estudos de Veroneze (2022) e Guilhon *et al.* (2019), percebe-se que ambos os artigos discutem a importância da construção de redes de acolhimento e defesa dos direitos humanos para a população LGBTQIAPN+, em especial para as travestis e mulheres trans, as quais enfrentam altos níveis de discriminação e violência. Eles também abordam as vulnerabilidades específicas que essa população enfrenta no contexto pandêmico, como o aumento da violência doméstica e a dificuldade de acesso aos serviços de saúde. Em ambos os casos, a rede de acolhimento e aceitação própria são destacadas como ferramentas essenciais para garantir a segurança e o bem-estar desses grupos.

Nascimento *et al.* (2018), Lira *et al.* (2018) e Francisco *et al.* (2020) identificou que a reação dos familiares pode impactar significativamente na saúde mental do indivíduo, sendo a falta de apoio e compreensão dos familiares um fator importante para o desenvolvimento de transtornos psicológicos. Portanto, a existência de uma rede de apoio, seja ela formada por amigos, familiares ou profissionais de saúde, pode ser crucial para o bem-estar emocional do indivíduo LGBTQIAPN+ e a aceitação da sua orientação sexual.

Por meio da análise de Selles *et al.* (2022), Veroneze (2022) e Guilhon *et al.* (2019) sobre iniciativas de apoio às pessoas trans nas redes sociais, o artigo destacou a importância de se criar uma rede de suporte que abranja diferentes perfis de pessoas trans e que seja solidária e empoderadora. Essa rede de acolhimento deve oferecer recursos e ferramentas para que as pessoas trans possam lidar com as dificuldades que enfrentam em suas vidas cotidianas, incluindo problemas com discriminação, saúde mental, saúde sexual e questões de gênero.

Para além disso, os artigos utilizados nessa pesquisa pontuam a necessidade de políticas públicas que garantam o acesso à moradia, saúde e educação para a população LGBTQIAPN+, em especial para as travestis e mulheres trans, que enfrentam altos níveis de discriminação e violência como dito por Selles *et al.* (2022), Veroneze (2022) e Guilhon *et al.* (2019). A aceitação da orientação sexual e de gênero pelos familiares é fundamental para o bem-estar emocional dos indivíduos LGBTQIAPN+.

b) Categoria 2 – Conflitos familiares

Para Selles, Almeida, Ahmad *et al.* (2022), a relação familiar se configura no indivíduo trans sendo expulso de casa desde cedo, já que para sua família aquilo é inadmissível, o que acarreta em mais sofrimento mental perante a situação de vulnerabilidade vivenciada. Existem quatro modalidades de redes de apoio mais buscadas por pessoas trans: os familiares, as religiosas, as de amizade e as próprias do movimento estudantil e grupos universitários, são lugares onde o indivíduo vai buscar e querer mais apoio para si. Selles *et al.* (2022, p. 152) afirmam que “a família é o primeiro espaço de convivência e socialização para boa parte das pessoas, e as relações que se estabelecem no interior desse grupo podem influenciar significativamente nas formas de viver de seus membros”.

A maior causa de adoecimentos vem do ambiente familiar, onde a pessoa não pode expressar quem ela é e o que pensa, gerando assim maior falta de perspectiva com vida, causando facilmente um esgotamento mental. Vemos também nos estudos de Selles *et al.* (2022), que a religião é bastante influente para que essas relações familiares deem certo ou não, visto que muitos pais religiosos enxergam a transexualidade como algo do “diabo”. No caso dos jovens, os mesmos se encontram facilmente em religiões como wicca e candomblé, já que são religiões mais abertas mentalmente, que cultuam deuses e orixás, trabalham com uma ritualística em que predomina a natureza e seus princípios. Os autores encerram falando da importância de uma abordagem voltada para a família no que tange aos serviços de saúde, para que se possa ter um entendimento maior de como lidar com a família caso ela opte por não aceitar o indivíduo.

Silva *et al.* (2021) concordam com Selles *et al.* (2022) ao afirmarem que a família é considerada a maior fonte de violência para as diversidades sexuais, sendo os valores morais a maior barreira para a aceitação de gênero e sexualidade do indivíduo, principalmente valores relacionados à religião de seus familiares. Geralmente é esperado uma proteção maior por parte da mãe, e quando esta proteção não vem, gera maiores comportamentos autodestrutivos no indivíduo.

Os artigos ressaltam algo importante ao dizer que desde nossa infância somos condicionados “àquilo que é de menina” e “àquilo que é de menino”, sendo valores morais enraizados, como por exemplo: tamanho do cabelo, roupas,

comportamento e brincadeiras. A rejeição aumenta o nível de sofrimento dos filhos, visto que faltará apoio moral e suporte emocional adequado para a pessoa rejeitada. Valores morais e religiosos comprometem o vínculo familiar e reforçam comportamentos de controle, vigilância, perseguição e punição (SILVA *et al.*, 2021). O afeto familiar atua como importante suporte ao indivíduo e fortalece os espaços de cuidados, favorecendo assim, a auto aceitação. O apoio familiar e a auto aceitação são mecanismos importantes para enfrentamento e empoderamento do indivíduo.

Para Silva *et al.* (2021) e Miskolci *et al.* (2022), a violência escolar junto da expulsão do núcleo familiar são características que mais impactam o sujeito no nível de saúde mental, gerando muitos comportamentos suicidas. Não se encaixar nos padrões familiares impostos é um dos primeiros obstáculos vivenciados por travestis e transexuais, e esses quando estão inseridos no núcleo familiar tem mais ideiação suicida que aqueles que foram expulsos de suas famílias, visto que a instabilidade familiar é maior quando o sujeito se encontra dentro de casa, muitas vezes sendo o ambiente de agressão.

O suporte familiar é o maior fator de proteção para essas pessoas. Freitas, Bermúdez e Hamann (2021), Silva *et al.* (2021) e Silva *et al.* (2021), vem discorrendo sobre o berço da violência nascer no contexto familiar, onde a heteronormatividade e os valores impostos como os sociais, religiosos e morais são de grande obstáculo para aceitação familiar. Quando se tem uma rejeição familiar por qualquer motivo que seja, a pessoa passa a se sentir violentada em todo lugar que ela vai, como se fosse normal e costumeiro ela ser violentada. A maior dificuldade encontrada pelos jovens é o âmbito familiar, pois quase sempre tem alguma forma de violência envolvida e isso gera muitas ideiações suicidas, como citados antes pelos autores Silva *et al.* (2021).

c) Categoria 3 - Violência aos direitos

Para Miskolci *et al.* (2022), Baére e Zanello (2020) e Silva *et al.* (2021), a violência é um grande fator para o desenvolvimento de doenças mentais, bem como sugerem a violência social e violência familiar como perpassando o ciclo de vida dos LGBTI+⁵, sendo causadas pela recusa dos familiares diante da sexualidade e gênero

⁵ LGBTI+ foi o termo utilizado pelos autores do artigo lido, mas trabalharemos aqui com a sigla atual LGBTQIAPN+.

do indivíduo, gerando posteriormente violência interpessoal, que pode levar ao homicídio. A violência continua mesmo após a morte do indivíduo, quando não se respeita seu gênero e sexualidade, atos como: “identidades de gênero não são respeitadas pelas famílias ou por legistas; corpos são vestidos para o velório com roupas do sexo de nascimento; cabelos são cortados; nomes são “des-retificados” nos túmulos e certidões de óbito” (MISKOLCI, SIGNORELLI, CANAVESE *et al.*, 2022, p. 3819).

A violência doméstica também pode ser gerada, visto do ponto que seus familiares não aceitam seu gênero/sexualidade e se torna estressante viver com aquela família. Junior, Moura, Uziel *et al.* (2019) e Baére e Zanello (2020), afirmam que as violências escolar, familiar e social estão intimamente ligadas, como mostra o caso apresentado de Dimitri, citado por Junior, Moura, Uziel *et al.* (2019), o qual sofria violência pela professora e pelos pais em casa, se configurando num forte adoecimento mental, sendo necessário um trabalho de conscientização na escola sobre essas violências. Os autores abordam a seguinte frase “como essas violências produzem sofrimento, adoecimento e, em algumas vezes, a perda da vontade de viver” (JUNIOR; MOURA; UZIEL *et al.*, 2019, p. 141) para definir os males e consequências das violências.

Para Baére e Zanello (2020), citado por Silva *et al.* (2021), a violência nas escolas configura maior número de homofobia. Nota-se que muitas vezes quem sofre bullying nas escolas corre e conta para os familiares, mas se a pessoa é encaixada no público LGBTQ+, a violência também ocorre no lar, obrigando a pessoa a ficar calada, não podendo relatar nada a ninguém e isso gera ainda mais adoecimento, como citado também por Miskolci *et al.* (2022). A violência também é vista como um símbolo de virilidade entre os homens, onde o que importa é sua capacidade de humilhar alguém, já que quanto mais o faz, mais viril e másculo ele é visto. Por fim, os autores dizem que a violência é o maior motivador de suicídio, causando desgaste na pessoa até que ela opte por isso.

d) Categoria 4 – Saúde mental

Francisco *et al.* (2020) e Paveltchuk *et al.* (2020) falam sobre como a ansiedade é uma questão frequente entre as minorias sexuais e de gênero, incluindo pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e queer (LGBTQIAPN+). O artigo

Ansiedade em minorias sexuais e de gênero: uma revisão integrativa, de Francisco *et al.* (2020), examina uma variedade de estudos e pesquisas que analisaram os fatores que contribuem para a ansiedade nessas minorias, como o estigma, a discriminação, o preconceito e o bullying. Ele também discute como a falta de serviços de saúde mental culturalmente congruentes pode impedir indivíduos LGBTQIAPN+ de buscar ajuda para sua ansiedade. Em geral, o artigo de Francisco *et al.* (2020) destaca a importância de aumentar a conscientização sobre a ansiedade entre minorias sexuais e de gênero, bem como melhorar o acesso a serviços de saúde mental inclusivos e acessíveis.

Paveltchuk *et al.* (2020) e Francisco *et al.* (2020) abordam a relação entre apoio social, resiliência, estresse de minorias e saúde mental de mulheres lésbicas e bissexuais. O estudo investiga como esses fatores impactam na ansiedade e no estresse dessas mulheres. De acordo com os resultados, as mulheres lésbicas e bissexuais que têm apoio social e maior resiliência apresentam menor nível de ansiedade e estresse em comparação com aquelas que não têm apoio social e baixa resiliência. Além disso, o estresse de minorias, que é a tensão resultante da discriminação e do estigma experimentados por essas mulheres, também está associado a níveis mais elevados de ansiedade e estresse.

Francisco *et al.* (2020) apresentam dados sobre a saúde mental de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e intersexuais (LGBTI+)⁶ e ressaltam a importância de políticas públicas que levem em conta as diversas identidades dessas pessoas e combatam a discriminação e a violência LGBTIfóbica. Da mesma forma, Paveltchuk *et al.* (2020), Zanello (2020) e Silva *et al.* (2021) destacam a necessidade de maior reconhecimento das necessidades de saúde mental das pessoas trans, além de apontarem que a falta de acesso a serviços adequados de saúde mental pode contribuir para que elas sejam mais vulneráveis ao suicídio. São abordados temas como a discriminação, o preconceito, a violência e a falta de acesso a serviços de saúde adequados como fatores que impactam negativamente na saúde mental dessas pessoas. Os artigos destacam a importância de apoio social e resiliência na promoção da saúde mental dessas minorias, bem como a necessidade de mais pesquisas para entender as especificidades dessas questões em suas vidas. Zanello (2020) e Silva *et al.* (2021) também destacam a importância do trabalho das

⁶ LGBTI+ foi o termo utilizado pelos autores do artigo lido, mas trabalharemos aqui com a sigla atual LGBTQIAPN+.

organizações não governamentais no apoio e suporte emocional a essa população vulnerável.

Silva *et al.* (2021), faz uma análise, por meio do artigo *Gênero e das Sexualidades*, abordando a relação entre suicídio e a construção social de masculinidades. Os autores discutem como as expectativas de comportamento e expressão emocional associadas à masculinidade podem contribuir para a vulnerabilidade de homens ao suicídio. Além disso, o artigo destaca a importância de uma abordagem sensível às diferenças de gênero na prevenção do suicídio. Ambos os artigos também apontam a importância de políticas públicas e ações de prevenção voltadas para as populações vulneráveis que lidam com o suicídio. Todos esses autores chamam a atenção para a necessidade de uma abordagem sensível às diferenças de gênero e culturais na promoção da saúde mental e na prevenção do suicídio.

Levando em conta suas particularidades culturais e de identidade de gênero, esses estudos mostram a importância de se combater a discriminação e a violência que afetam esses grupos e apontam para a necessidade de se ampliar o acesso a serviços de saúde mental adequados a todas as populações vulneráveis.

RESULTADOS

Conclui-se que este trabalho pode contribuir para a produção teórica acerca da temática abordada, bem como problematizar a relação existente entre não aceitabilidade familiar e saúde mental do sujeito, demonstrando a relevância social e de saúde. Vimos com análise temática uma violência vinda dos familiares, especificamente, com isso, torna-se importante a conscientização destas e redes de apoio mais especializadas no trabalho com LGBTQIAPN+, sendo uma rede ainda muito inicial e pouco rica de informações.

Nota-se também como resultado, esse público ainda sendo muito marginalizado e muito pouco se fala dos seus direitos de liberdade de expressão, como de frequentar lugares público sem serem agredidos, demonstrações de afeto em público, direito à saúde, redes de apoio, de manifestações, fica então subentendido que não há muito conhecimento prévio desses direitos e nem como alcançá-los de fato, ficando mais preso e retido ao papel, trazendo uma problemática

onde precisa-se aprimorar visões de mundo e perspectiva de saúde ao público LGBTQIAPN+. É visível em nossa sociedade a violência escancarada contra essa comunidade, nesse sentido, precisamos de uma aplicação mais rígida das leis que protegem os LGBTQIAPN+ dessas mazelas, pois notamos grandes problemas de saúde mental em decorrência de tais discursos de ódio.

Com esta pesquisa pudemos ver o quão importante é uma rede de apoio e acolhimento para esse grupo de pessoas, em especial para aqueles que enfrentam discriminação e violência. A saúde mental também é um fator importante nessa comunidade, e a falta de acesso a serviços de saúde de qualidade pode aumentar o sofrimento mental.

Por fim, a criação de uma rede de suporte empoderadora e solidária para pessoas trans é essencial para que elas possam lidar com as dificuldades enfrentadas em suas vidas cotidianas, como problemas de discriminação, saúde mental, sexualidade e gênero.

Também observou-se que a orientação sexual do indivíduo não é algo que pode ser controlado pelo seu núcleo familiar. Deve-se estimular por meio de acesso a informações, rede de apoio e políticas públicas de combate ao preconceito, o apoio familiar e a auto aceitação, enquanto mecanismos importantes para enfrentamento, empoderamento do indivíduo e desenvolvimento de qualidade de vida e saúde mental.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1979.

BRASIL. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 10 mai. 2023.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Routledge, 1990.

CHARBONNEAU, P. E. **Educar: diálogo de gerações**. São Paulo, SP: Editora Pedagógica e Universitária, 1973.

DE BAÉRE, F.; ZANELLO, V. Suicídio e masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. **Psicologia em Estudo**, v. 25, e44147, 2020. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/LzMM7YDThptPXCKJkpKnWkn/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 17 jun. 2023.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. Sobre as histórias da sexualidade. *In*: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro, Graal, 1984.

FRANCISCO, L. C. F. L.; BARROS, A. C.; PACHECO, M. S.; NARDI, A. E.; ALVES, V. M. Ansiedade em minorias sexuais e de gênero: uma revisão integrativa. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 69, n. 1, p. 48–56, jan. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/gwKpPNSBpdzvNbR6fCY5V7S/?lang=pt>. Acesso em: 17 jun. 2023.

FREITAS, S.; BERMÚDEZ, X. P. D.; MÉRCHAN-HAMANN, E. Sentidos atribuídos por jovens escolares LGBT à afetividade e à vivência da sexualidade. **Saúde e Sociedade**, v. 30, n. 2, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/3w9jBmwRyp7yzFNBy4cSpYv/>. Acesso em: 17 jun. 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GUILHON, F.; JUNIOR, A. L. S.; MOTTA, C.; MOURA, A. D.; UZIEL, A. P. Centro de Cidadania LGBT: Memórias e Experiências no Campo das Práticas Psi em Prol da Defesa dos Direitos Humanos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, n. 3, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/D8BDTVvnXfX9FyrwTLNBPCs/?lang=pt>. Acesso em: 17 jun. 2023.

LIRA, A. N.; MORAIS, N. A. Estratégias metodológicas de investigação da resiliência em lésbicas, gays e bissexuais (LGBTs): revisão integrativa de literatura. **Temas em Psicologia**, v. 26, n. 3, p. 1427–1445, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.9788/TP2018.3-11Pt>. Acesso em: 17 jun. 2023.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2014.

MISKOLCI, R.; SIGNORELLI, M. C.; CANAVESE, D.; TEIXEIRA, F. B.; POLIDORO, F.; MORETTI-PIRES, R. O.; SOUZA, M. H. T.; PEREIRA, P. P. G. Desafios da saúde da população LGBTI+ no Brasil: uma análise do cenário por triangulação de métodos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 3815-3824, 16 set. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022710.06602022>. Acesso em: 17 jun. 2023.

NASCIMENTO, G. C. M.; COMIN, F. S. A revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura científica. **Temas em Psicologia** [online], v. 26, n. 3, p. 1527–1541, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2018.3-14Pt>. Acesso em: 17 jun. 2023.

PAVELTCHUK, F. DE O.; BORSA, J. C.; DAMÁSIO, B. F. Apoio social, resiliência, estresse de minorias e saúde mental de mulheres lésbicas e bissexuais. **Psico-USF**,

v. 25, n. 3, p. 403–414, set. 2020. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/1413-82712020250301>. Acesso em: 17 jun. 2023.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 2007.

RICHARDSON, R. J. Métodos Quantitativos e Qualitativos. *In*: RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2012, p. 70-89.

RODRIGUEZ, B. C.; GOMES, I. C.; OLIVEIRA, D. P. Família e nomeação na contemporaneidade: uma reflexão psicanalítica. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, 8 (1), 135, 2017. Disponível em:
<https://doi.org/10.5433/2236-6407.2017v8n1p135>. Acesso em: 26 mar. 2023.

ROSA, L. S.; MACKEDANZ, L. F. A análise temática como metodologia na pesquisa qualitativa em educação em ciências. **Atos de Pesquisa em Educação**, [S.l.], v. 16, p. e8574, abr. 2021. Disponível em:
<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8574>. Acesso em: 17 jun. 2023.

SCHULMAN, S. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2312>. Acesso em: 25 out. 2022.

SELLES, B. R. S.; ALMEIDA, P. F.; AHMAD, A. F.; LEMOS, A.; RIBEIRO, C. R. Redes sociais de apoio às pessoas trans: ampliando a produção de cuidado. **Saúde em Debate**, v. 46, Número especial 6, p. 148–161, dez 2022. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/DW6XdZ75vKb5mX5HzNSHQFn/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 6 mar. 2023.

SILVA, G. W. S.; MEIRA, K. C.; AZEVEDO, D. M.; SENA, R. C. F.; LINS, S. L. F.; DANTAS, E. S. O.; MIRANDA, F. A. N. Fatores associados à ideação suicida entre travestis e transexuais assistidas por organizações não governamentais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. suppl 3, p. 4955–4966, out. 2021. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.32342019>. Acesso em: 17 jun. 2023.

SILVA, J. C. P.; CARDOSO, R. R.; CARDOSO, A. M. R. GONÇALVES, R. S. Diversidade sexual: uma leitura do impacto do estigma e discriminação na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 7, p. 2643–2652, jul. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.08332021>. Acesso em: 17 jun. 2023.

VERONEZE, R. T. Vulnerabilidades das travestis e das mulheres trans no contexto pandêmico. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 316–325, mai-ago. 2022. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rk/a/sbRXwBD8bHm9Q8cRrwZ4xBc/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 17 jun. 2023.

VIANNA, P. C. O movimento LGBT e as políticas de educação de gênero e diversidade sexual: perdas, ganhos e desafios. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n.

3, p. 791 - 806, 2015. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ep/a/LBDYPy9CZ3pGLJ4Sk4HVdQm/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 17 jun. 2023.